

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

Mediatização da clínica e diagnóstica contemporânea

Lucas Ribeiro Vaz Vitorino

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6814>

Submetido em: 2023-09-12

Postado em: 2023-10-09 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o endosso de:

Wedencley Alves Santana (ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3411-727X>)

MIDIATIZAÇÃO DA CLÍNICA E DIAGNÓSTICA CONTEMPORÂNEA

Lucas Ribeiro Vaz Vitorino

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-5431-7882>

<lrvtorino@gmail.com>

Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, Minas Gerais
(MG), Brasil.

RESUMO: Esse artigo tem como principal objetivo associar as noções de sociedade do espetáculo, neoliberalismo e psicopatologia. Na sociedade espetacular, tem-se uma supremacia da imagem como mediação das relações humanas. Já no neoliberalismo, vê-se uma forma específica de gestão do sofrimento, que faz com que o sujeito seja semelhante a uma empresa, com gestão de riscos e análise de desempenho. A partir disso, observa-se uma virada no campo da psicopatologia, na qual termos como “eficiência” e “déficit” são inseridos, indicando que, em última instância, todos são transtornados. Assim, nesses moldes de sociedade, percebe-se um sujeito do qual é preciso cada vez mais demonstrar desempenho, atualizando a noção de patologia, que pode ser vista como aquele que não produz e não consome. Aliado a isso, têm-se o sustento desse discurso hegemônico pela própria psicologia e pela psiquiatria com a divulgação dos métodos diagnósticos e pela *cientifização* dos hábitos nas redes sociais, fazendo com que essas áreas sejam pontos de manutenção ideológica e econômica da atualidade. Assim, o sujeito na modernidade passa a ser aquele que, exposto a diagnósticos e métodos clínicos como se fossem mercadorias, se identifica com os diagnósticos em um processo que *patologiza* experiências da vida. Diante de uma exigência do desempenho a todo custo, o sujeito performa sintomas e diagnósticos, que sendo objetos de consumo, podem representar também aprovação social e não mais motivo de exclusão. Pensar no campo da psicopatologia hoje é pensar para além do binômio saúde e doença, mas também, na sua capacidade de mobilização social.

Palavras-chave: Diagnóstica; Psicopatologia; Psiquiatria; Espetáculo; Sociedade

MEDIATIZATION OF CLINICAL AND CONTEMPORARY DIAGNOSTIC PRACTICES

ABSTRACT: This article has as its main objective to associate the notions of the society of the spectacle, neoliberalism, and psychopathology. In the spectacular society, there is a

supremacy of the image as the mediation of human relationships. In neoliberalism, on the other hand, we see a specific form of managing suffering, which turns the individual into something akin to a company, with risk management and performance analysis. From this, we observe a shift in the field of psychopathology, where terms like "efficiency" and "deficit" are introduced, indicating that, ultimately, everyone is disordered. Thus, in these societal molds, we perceive an individual who must increasingly demonstrate performance, updating the notion of pathology, which can be seen as one who does not produce and does not consume. In addition to this, this hegemonic discourse is supported by psychology and psychiatry themselves through the dissemination of diagnostic methods and the scientification of habits on social media, making these fields points of ideological and economic maintenance in today's society. Therefore, the individual in modernity becomes one who, exposed to diagnoses and clinical methods as if they were commodities, identifies with the diagnoses in a process that pathologizes life experiences. Faced with a demand for performance at all costs, the individual performs symptoms and diagnoses, which, being objects of consumption, can also represent social approval and no longer a reason for exclusion. Thinking in the field of psychopathology today means thinking beyond the dichotomy of health and disease but also about its capacity for social mobilization.

Keywords: Diagnostic; Psychopathology; Psychiatry; Spectacle; Society

INTRODUÇÃO

Percebe-se, desde Debord (1997), uma proposta de sociedade baseada no espetáculo, isto é, mediada por imagens. A sociedade do espetáculo não visa a ser um mundo paralelo ao "real", mas, sim, a substituição deste, dando lugar a um mundo de supremacia do olhar e do ser olhado. Em um dos seus aforismos, tomado até os dias de hoje, afirma que "o que é bom aparece, e o que aparece é bom" (Debord, 1997), podendo ser demonstrado como, através das redes sociais, expõe-se a tirania do sucesso. Tanto Canclini (2015) quanto Hall (2011) percebem que o processo identificatório utiliza das mídias para encontrar seus ideais, mas, na identidade pós-moderna, as mídias tradicionais perdem seus espaços e dão lugar a toda uma rede de vias de comunicação onde o próprio consumidor se torna produtor e digitalizado, sendo ele próprio, além de produto identificatório, produtor e gerador de identidades.

Consequentemente, com o neoliberalismo, tem-se uma virada nos campos da economia e da política. Nesse modelo, vemos um afastamento do Estado, que dá lugar a um

sujeito cada vez menos mediado por leis e normas, fazendo com que o campo do trabalho, por exemplo, passe a ser mais flexibilizado e o ofício possa ser realizado de qualquer lugar. Isso tem como resultado a característica do sujeito-empresa, como podemos ver em Dunker (2018), em que o próprio sujeito passa a gerir a si mesmo, avaliando riscos e tendo em mente ideais de produtividade e de desempenho, tanto na esfera profissional quanto pessoal, visto que, agora, o afeto bem como a ocupação do ofício são compartilháveis nas redes.

À vista do neoliberalismo e a sociedade do espetáculo, é possível observar uma nova leitura no campo da psicopatologia com o paradigma normalidade e patologia. Por meio dos manuais diagnósticos modernos, são inseridas as noções de “espectro” e “*déficit*”, as quais, para alguns autores, dizem respeito a uma lógica onde todos estão passíveis de serem considerados transtornados, em alguma instância (Calazans; Matozinho, 2021). Assim, o campo da psicopatologia pode ser visto não mais como uma área que possui base etiológica de produção e de categorização dos sintomas quanto a um organismo doente ou saudável, mas, sim, como um campo no qual o diagnóstico possui uma função social e performática (Dunker; Safatle; Silva, 2018).

A partir da percepção do motor social para produção sintomática e diagnóstica, encontram-se papéis específicos para uma identificação do sujeito com o diagnóstico, o qual pode ser visto como um posicionamento frente ao neoliberalismo, que impõe àquele sujeito padrões e hábitos impossíveis. Assim, a “escolha” pelo sofrimento e pela presença do diagnóstico pode aparecer como uma forma de resposta ao capital. Para além disso, por meio do sujeito adoecido e consumidor de diagnósticos, encontra-se a medicalização de qualquer experiência da vida, passando a existir uma interação entre mercado, instâncias governamentais e laboratórios de pesquisa em psiquiatria e psicologia (Helsing, 2020).

Com isso, a psicologia e a psiquiatria podem ser enxergadas como um dispositivo de manutenção ideológica e econômica da atualidade (Calazans; Matozinho, 2021), no momento em que a cientifização dos hábitos - proposta pela psicologia e pela medicalização de experiências da vida, advinda da psiquiatria - atingem a digitalização e a difusão como o ideal da cultura, se tornando um braço neoliberal e fortalecendo tais áreas quanto ao controle e ao poder.

A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

É através da cultura organizada em rede, isto é, midiaticizada, que o caráter espe(cta)cular assume um papel bem específico. Segundo Debord (1997), na sociedade

organizada aos moldes do espetáculo, ocorre um deslizamento primeiro do *ser* para o *ter* e, após, do *ter* para o *parecer*. Ou seja, um verdadeiro deslizamento metonímico: o que importa, ao invés de *ser* algo, é *ter* o objeto e, posteriormente, aparentar tê-lo. Em um primeiro momento gregário de organização, a divisão do trabalho realmente implicava em ocupações, como a proteção do bando e da caça, necessitando de um condicionamento físico específico. Quando isso não se mostra mais como necessário, o culto ao corpo como imagem, isto é, o pertencimento do corpo como objeto, aparece como uma forma possível. Porém, segundo o pensamento do autor, em determinado momento da sociedade, para além de ter o objeto, o sujeito passa a *aparentar ter*. Tal aspecto é percebido nas redes sociais, como o *Instagram*, por exemplo. Dentre outras, é nessa rede social que o culto ao objeto corpo, na pós-modernidade, desloca-se para o domínio da imagem.

Observada em uma sociedade anterior ao *Instagram* e *internet*, a sociedade do espetáculo de Debord diz respeito a uma configuração onde o emprego da imagem visa a substituir, de fato, o mundo dito “real”. Assim, o mundo espetacular não seria um mundo paralelo, mas, sim, um mundo mediado por imagens que têm, por instância última, a substituição desse mundo (Debord, 1997). Dessa forma, na visão do autor, seria um equívoco pensar na sociedade espetacular como uma organização à parte do mundo. Ao contrário, seria possível simplesmente pensá-la como uma configuração que, através da supremacia da imagem, passa a se tornar um aspecto importante desta, não havendo separação entre o que aparenta e a *coisa em si*, se é que ela de fato existe.

Ainda segundo o autor, tal cultura impõe aos sujeitos uma *pseudonecessidade* do tempo idealista e materialista (Debord, 1997), fazendo com que o sujeito se veja impelido por uma agenda imposta pela mídia. Se naquele momento o pensamento poderia ser exemplificado com o horário de programas disponibilizados na televisão ou no rádio, hoje, pode-se exemplificar com toda uma gama de calendários de produção de filmes e de séries, inaugurações de lojas, lançamentos de moda, dentre outros infinitos. Assim, cria-se, cada vez mais, um tempo afastado do “natural” no sentido de um tempo artificial da indústria.

Segundo Hall, a identidade pós-moderna parece “flutuar livremente” (Hall, 2011, p. 43), sendo desvinculada, cada vez mais, de lugares, histórias e tradições, e se vinculando progressivamente aos sistemas de informações, aos estilos e às imagens. Então, em consonância com Debord, o cidadão se torna “enredado nas maquinarias burocráticas e administrativas do Estado moderno” (Debord, 1997, p. 20). Nesse processo identificatório, a concepção de tempo imposta pelas agendas da mídia gera um sujeito cada vez mais

desvinculado dos saberes e de práticas tradicionalmente passados, dando lugar a construções artificiais do modelo econômico.

Nesse modelo de cultura participativa, a exposição da vida, antes sendo, em sua maioria, um aspecto da mídia como produtora e do sujeito como consumidor, não demora a ter seus papéis modificados. O sujeito passa a não ser somente um consumidor da agenda midiática, mas um produtor e reproduzidor, fazendo do compartilhamento de afetos uma espécie de valor moral (Dunker, 2018). Ou seja, o sujeito não assume um posicionamento passivo diante de uma cultura do espetáculo, mas passa, ele mesmo a se aparentar para aparecer, respeitando a máxima “o que é bom aparece, o que aparece é bom” (Debord, 1997, p. 17). Então, o sujeito pós-moderno se vê impelido a, além de respeitar um tempo artificial, participar de forma ativa como um sujeito de aparências, em um processo de reconhecimento externo.

Daí, retomando ao exemplo do *Instagram*, tal dispositivo compreende um meio no qual o sujeito consegue se identificar ao artificial da imagem dos outros, usando desta para modificar sua própria imagem, em um processo de reconhecimento e identificação pós-moderno. Gera-se, assim, uma tirania do sucesso como fenômeno discursivo (Dunker, 2018), a qual faz com que o sujeito seja levado, cada vez mais, a aparecer para ser bom, em uma verdadeira tirania da imagem como real e modelo a ser seguido. Sendo que, de forma curiosa, segundo o autor citado acima, “ser reconhecido por uma massa amorfa de espectadores imaginários é ser reconhecido por escravos” (Dunker, 2018, p. 271). Assim, escravo é aquele que se vê impelido a aparentar algo por uma agenda midiática, da mesma forma que escravo também é aquele que reconhece e compartilha em um certo tipo de dialética: onde reconhece, logo reproduz.

É possível esperar que toda uma população, por mais que inserida em uma sociedade nesses moldes, seja realmente uma massa espectadora? Pois, nessa configuração de cultura, criam-se dificuldades para aqueles a quem a privacidade é essencial (Dunker, 2018). Destes, espera-se uma recepção crítica de seu meio como algo a ser acolhido ou algo a ser visto com certa repulsa? O sujeito que se vê como resistência a essa organização é enquadrado como o diferente a ser criminalizado e *patologizado*, ou é considerado como diferente?

Partindo de tal pensamento, pode-se chegar à questão: qual o impacto da sociedade do espetáculo na forma pela qual se enxerga a noção de normal e patológico? Ou mais: respeitando uma agenda midiática, a configuração política e econômica é a mesma, ou ela também teve suas alterações? Se as roupas e as opiniões políticas são exibidas em redes

sociais, a experiência de sofrimento psíquico também o é? Segundo Helsinger (2020), o trauma também se desloca de um cenário privado, dentro de uma cena familiar, para ser exibido fartamente na cena pública. Sabendo disso, o sofrimento e suas nomeações são modificados a partir do momento em que são midiáticos, compartilhados e, conseqüentemente, identificados por outros em um processo de “reconhece, logo reproduz”?

A AGENDA NEOLIBERAL, A PSICOPATOLOGIA E O SUJEITO

Segundo Dunker, Safatle e Silva (2018), é possível pensar as sociedades como sistemas produtores e gestores de psicopatologias. Seguir por essa via de pensamento implica dizer que o sofrimento psíquico comporta um aspecto social, e não somente o biológico e o neuroquímico. Pensar nas sociedades como gestoras de psicopatologias é poder pensar como um sistema político e econômico atua na forma de narrar e categorizar o sofrimento, agindo de forma ativa em sua expressão.

Através dos manuais diagnósticos da psiquiatria (DSM), pode-se perceber a mudança na gramática do sofrimento através dos tempos, como através da inserção da noção de espectro (Prudente; Vitorino, 2023). Nessa visão, ampliam-se certas categorias diagnósticas em diferentes graus e intensidades, fazendo com que o que antes era um único diagnóstico se torne uma gama de opções. Segundo Calazans (2021), o que tal lógica diz, em última instância, é que todos os sujeitos podem ser transtornados em determinado grau e intensidade. Assim, com tal modificação do paradigma saúde e doença, não se estabelece um marco entre o estar doente e a saúde.

A linha entre o normal e patológico, no campo da saúde mental, nunca fora inteiramente nítida (Freud, 2011). Porém, o que é visto, através da mudança na forma de reconhecer o sofrimento, é que não só a linha não é mais inteiramente visível, mas que talvez torne impossível demarcar o que, de fato, a atravessa. Se cada época pode dizer de uma forma específica de expressar o sofrimento, existe algum interesse para que essa linha esteja mais à direita ou mais à esquerda de um horizonte?

Segundo Dunker (2018), o estilo de vida moderno transfere para as relações pessoais princípios de desempenho, análise de riscos e avaliações de resultados, que permeiam as relações de trabalho e de produção. Ou seja, esse novo estilo de vida empurra para o sujeito a mesma lógica empresarial, considerando-o um sujeito-empresa. Sendo a sociedade midiática, pode-se esperar a utilização das mídias digitais como um dispositivo do sujeito.

Em uma sociedade ditada pela agenda da indústria, pode-se esperar dos dispositivos digitais uma invenção de pseudonecessidades ou deficiências às quais novas mercadorias se apresentam como soluções essenciais (Crary, 2016).

Assim, vê-se no sujeito moderno aquele que é poluído por agendas e objetos inventados pela indústria, ao mesmo tempo em que se vê impelido a compartilhar dos mesmos objetos e valores. Ao passo que ele próprio se configura como uma vitrine, o sujeito cooptado pelos princípios empresariais, em sua gestão de afeto, se coloca no laço social a partir desse lugar onde, havendo um deslize contrário a essa lógica, pode ser entendido como patológico.

Tal cultura de necessidade da alta performance e do desempenho, não só no trabalho quanto nas relações pessoais, teve como efeito uma depressão epidêmica, gerando cada vez mais sujeitos com sentimentos de incapacidade (Dunker; Safatle; Silva, 2018). Assim, a ditadura da felicidade, imposta pelo neoliberalismo, diante do sujeito bombardeado por pseudonecessidades, impostas por uma sociedade onde tudo deveria aparecer, tem como efeito claro o adoecimento psíquico de sujeitos incapazes de seguir uma agenda de produção e de consumo.

Porém, estando midiaticizado, esse sujeito incapaz de responder pelo padrão de felicidade, responde, de forma curiosa, também com a depressão. Se a felicidade e os padrões de comportamento são compartilhados, pelo mesmo motivo o adoecimento e a psicopatologia também podem ser. Assim, segundo Dunker (2018), a forma de vida neoliberal percebe que também é possível extrair produção do sofrimento. Dessa forma, o sofrimento psíquico pode ser visto como um dos mais infinitos objetos de consumo de uma indústria da imagem.

Em relatório anual da OMS sobre a crise econômica de 2008, é colocado, como consequência, o agravamento nos diagnósticos de depressão, além disso, é citado quanto se perde em trilhões de dólares para a doença (Calazans; Matozinho, 2021). Assim, pensar o campo da saúde mental acaba se tornando pensar no quanto se perde e, logicamente, no quanto se ganha com determinado indivíduo que abandona seu posto de trabalho, por conta de uma psicopatologia. Dessa forma, ao passo que o estilo de vida moderno cria a necessidade do alto desempenho, é percebido, pelo estado neoliberal, a importância de, com psicopatologia ou não, manter o indivíduo produzindo. Ou seja, a saúde mental passa a ser um dos dispositivos de manutenção da lógica econômica da atualidade.

Nos últimos DSMs, nota-se um aumento de interesse em áreas como educação e trabalho, a partir da avaliação dos indivíduos em torno das noções de eficiência e de eficácia (Calazans; Matozinho, 2021). Ao usar termos como “eficiência”, percebe-se que a perturbação no laço, no que toca à produção, passa a ser patologizada. De forma tragicômica, pode-se pensar em um futuro distópico em que a depressão não seja mais doença quando compartilhada, de modo que a verdadeira patologia seja aquela que não produz, diante de um dispositivo psiquiátrico intimamente ligado à organização social, no que tange ao poder de agenda exercido pela mídia e pela indústria.

Percebe-se, então, no neoliberalismo e na sociedade midiaticizada, uma forma específica de sofrimento: aquele ligado ao olhar e ao consumo. Encontra-se, no campo do social, um mobilizador não só de uma sintomática, mas também de toda uma diagnóstica, com uma gramática específica, que associa o sujeito a uma empresa. Ou seja, respeita-se a agenda da indústria com a gestão da saúde psíquica pelo neoliberalismo, mudando a forma como enxergamos o paradigma saúde-doença: “controlar a gramática do sofrimento é um dos eixos fundamentais do poder” (Dunker; Safatle; Silva, 2020, p. 13).

Tornando a diagnóstica como um dos eixos de manutenção econômica, no qual é preciso consumir e compartilhar o sofrimento, a mercantilização da saúde mental se torna evidente. Tal cenário faz com que a produção sintomática do sujeito se torne também um objeto de consumo, principalmente por uma indústria que lucra com a venda de medicamentos. Nesse sentido, a gestão dos psicofármacos aponta para a cura ou para a manutenção do sujeito em sofrimento, de modo que continue sendo um consumidor fiel? De qualquer forma, se por um lado obriga a produção incessante de um sujeito submerso no espetáculo - em que é preciso aparentar para ser -, caso esse mesmo sujeito se veja incapaz, vende-se o medicamento que promete a volta para a normalidade, tal como uma empresa que diagnostica alguma falha de produção. Assim:

[...] é possível considerar que a psicofarmacologia funciona como uma gestão de riscos da loucura que se dá fora do hospital psiquiátrico, mas isso não retira seu caráter normativo. Pelo contrário, o medicamento pode funcionar como uma “camisa de força bioquímica”, modulando as intensidades para colocá-las a serviço da normatividade (Helsing, 2020, p. 102).

MERCANTILIZAÇÃO DA SAÚDE E PLATAFORMIZAÇÃO DO TRABALHO

Como visto acima, percebe-se, no sujeito pós-moderno, um impulso ao espetáculo e a visão de si mesmo como um sujeito-empresa. É a partir desse entendimento que “para que alguém seja considerado bem-sucedido é trivialmente esperado manipular sua própria imagem como se fosse um personagem” (Dunker, 2018, p. 251). Independentemente se este

é um processo de trabalho ou pessoal, o sujeito é levado a compartilhar aspectos de sua vida para o olhar dos outros, como uma certa caricatura de *Show de Truman*. E é através das vias de comunicação ativamente utilizadas pelo sujeito, como o *Instagram*, que este consegue expor de si para uma massa. Segundo Calazans (2021), é através da digitalização, nesse estilo de vida empresarial, que o ativo a ser investido passa a ser o próprio corpo.

É com o próprio corpo, principalmente em suas dimensões do afeto e do trabalho, que o sujeito se expõe ao olhar. Neste, por sua vez, está incorporada a prática de exigência da performance, a qual, segundo Helsinger (2020), está na base no impulso da exaltação de si. O sujeito digitalizado está diante de um imperativo performático encarnado em seu próprio aparelho. Sabendo disso: existem consequências na exaltação do próprio trabalho em meios de comunicação, quando se trata de áreas como a saúde mental?

Frente a tais considerações, sabe-se que alguns diagnósticos em psicopatologia são incapacitantes para o trabalho, uns de forma momentânea e outros, permanentemente. Dessa forma, o sujeito em status de “saudável” é pertinente para o mercado. É a partir daí que uma lógica *psicologizante*, isto é, de promoção do psicológico, está centralizada na cultura da performance, fazendo com que o sujeito se sinta detentor de um capital (Helsinger, 2020). É através desta noção que a promoção do psicológico agrada ao mercado, o qual, por sua vez, torna-se adepto dos profissionais de saúde mental no que tange à exaltação do próprio ofício. Tal promoção, enquanto aspecto da saúde, é agradável à cultura da performance, no momento em que se torna um dispositivo de manutenção do sujeito como produtor e consumidor, coagindo-o a continuar a trabalhar ou a consumir mais medicamentos.

Ou seja, não só o campo da saúde mental é um dispositivo de manutenção da economia, mas, segundo Calazans e Matozinho (2021), a própria psicologia e a psiquiatria passam a ser dispositivos de medicalização para a sustentação do neoliberalismo. Ao “promover” saúde nos meios de comunicação, o técnico em saúde mental pode estar contribuindo para uma lógica psicopatológica proposta por esse sistema. Para além disso, a existência de uma organização como a OMS, configura, para alguns autores, como Lacan (2002), um deslocamento da figura do médico, em que este se torna um certo tipo de objeto empresarial, cuja produção é a patologia e o diagnóstico. Assim, uma das características da psiquiatria atual poderia ser apontada como a demanda de existência da doença, fazendo com que a “saúde e o cuidado psíquico se tornem um certo tipo de negócio” (Prudente; Vitorino, 2023, p. 4).

É nesse sentido que os técnicos em saúde mental podem ser vistos como objetos dos quais os sujeitos se utilizam para alcançar o seu ideal de performance. Ao promover a saúde

e, nesse caso, um certo bem-estar psíquico, os campos da psicologia e da psiquiatria coadunam com a máxima de que o sujeito precisa sempre estar apto ao trabalho. Ou seja, tal discurso do desempenho e do bem-estar impulsiona “a cientificação dos hábitos e, ainda, a autogestão da saúde, das doenças e dos tratamentos” (Helsing, 2020, p. 108). Assim, os estudos e investigações nos campos da psicologia e da psiquiatria, que acabam por promover uma *cientificação* das escolhas e dos comportamentos, tornam-se objetos de consumo para uma massa que procura seu ideal, e não demoram a estar presentes nas redes, autopromovendo-se.

Tal campo de pesquisa *psi*, para além da cientificação do comportamento, também dá lugar privilegiado aos medicamentos. No momento em que a droga aparece como um garantidor de performance, ela aparece com um lugar estratégico (Helsing, 2020). Então, espera-se um elevado consumo de medicamentos, sabendo que estes aparecem dentro de um discurso de bem-estar e performance, que não tarda a ser mais um discurso de norma.

Alguns autores destacam que o metilfenidato, droga geralmente utilizada para o tratamento de Transtorno e Déficit de Atenção com ou sem Hiperatividade, é a pílula dos capitalistas (Calazans; Matozinho, 2021), pois os mantém na produtividade. A própria noção de “déficit”, presente no nome do diagnóstico, também corrobora a lógica de que existe algo exterior que, necessariamente, não está sendo apreendido pelo sujeito ou, pelo menos, não de forma suficiente, fazendo com que esse seja um ponto de bloqueio para a necessidade de performance. É nesse sentido que o uso de medicamentos psiquiátricos aparece de forma consoante com a sociedade do espetáculo e do desempenho, no momento em que o diagnóstico cria a possibilidade de “transtorno” e sua conseqüente medicalização para o retorno à produção.

Através dessa lógica, as experiências de mal-estar e sofrimento precisam estar associadas a um diagnóstico para serem tratadas, o que assume que a visão da psicopatologia, hoje, está associada a uma visão funcionalista e instrumental de bem-estar e de desempenho a ser compartilhado. Segundo Helsing, isso leva a uma “*psiquiatrização* dos normais” (Helsing, 2020, p. 91), na qual o entendimento de psicopatologia passa a ser a preparação do sujeito frente à sociedade. Assim, as categorias diagnósticas atuais, com as noções de espectro e déficit, utilizam da bioquímica para dar sentido a efeitos sociopolíticos da realidade:

[...] é possível observar que as categorias diagnósticas são forjadas pela articulação entre os registros do saber, do mercado e do poder e por três instâncias institucionais: os laboratórios de pesquisa em psiquiatrias, as instâncias governamentais e os laboratórios farmacêuticos. (Helsing, 2020, p. 115).

Ou seja, as roupas, profissões, status e, agora, o campo da saúde mental entram na sociedade do espetáculo e do desempenho como dispositivos que o sujeito utiliza para alcançar sua máxima performance, de acordo com uma demanda simbólica do olhar, proposta pelo processo de digitalização.

O DIAGNÓSTICO COMO NOME PRÓPRIO

Como vimos no capítulo segundo, o processo identificatório, além de ser vinculado aos territórios físicos e aos espaços geográficos, se vincula, cada vez mais, aos espaços simbólicos de trocas, imagens e estilos. À medida que os espaços de mídia se tornam cada vez mais obrigatórios na troca de afetos entre os sujeitos, nota-se, da mesma forma, o alinhamento progressivo da identidade do sujeito aos ideais de cada veículo. Segundo Canclini (2015), se antes a identidade nacional poderia ser absorvida pelos sujeitos, pelo cinema e pela televisão, hoje, esse processo se dá através das “vias de comunicação” como um todo. Ou seja, se é no espaço simbólico da troca, nas vias de comunicação, que o sujeito constrói parte de sua identidade, pode-se apontar que essa construção poderia se dar através de plataformas como o *Instagram*, por exemplo.

Segundo Alves e Carrozza (2019), na medida em que as publicidades expõem aos sujeitos referenciais de consumo, estabelecem, dessa forma, lugares de identificação. Sendo o sujeito impelido, cada vez mais, à publicidade de si mesmo, isto é, aparecendo para a massa tanto como profissional quanto como sujeito-objeto de consumo, para além dos referenciais da agenda da indústria, ele próprio passa a ser lugar de identificação para outros sujeitos. É através disso que se pode, aqui, investigar um dos possíveis efeitos, no campo da saúde mental, relativos à midiaticização da clínica, que corresponde à digitalização dos profissionais da psicologia e da psiquiatria, a partir da divulgação de técnicas e categorias diagnósticas. O sujeito consumidor, exposto a técnicas de saúde mental, pode usar, nesse momento, dos diagnósticos e das categorias subjetivas como referenciais de consumo.

Para Canclini (2015), o consumo não é somente um processo em que os desejos se tornam atos socialmente regulados, mas também é poder participar de um cenário de disputa em relação àquilo que é produzido pela sociedade e seus modos de uso. Isso permite apontar que a sociedade do espetáculo, ao produzir profissionais digitalizados, somada à sociedade de consumo e de desempenho, que produz consumidores e estilos de vida, pode constituir um dos fatores pelos quais o sujeito consome medicamentos e diagnósticos, como forma de localização no laço social; isto é, na troca simbólica com a sociedade e seus indivíduos. Tal processo evidencia o desejo de pertencimento e de identificação como um ato socialmente regulado.

Para além do próprio uso do medicamento como potencializador do sujeito, pode-se pensar o uso do diagnóstico como “resistência” a um estilo de vida tirânico. Segundo Calazans e Matozinho (2021), tornar os sintomas e os diagnósticos parte da identidade do sujeito poderia explicar uma falta de produtividade dentro da sociedade neoliberal, fazendo com que qualquer experiência fora dessa lógica seja considerada transtorno. Assim, a forma encontrada pelo sujeito para dizer de seu mal-estar frente à cultura, para além do próprio adoecimento psíquico, é a utilização do diagnóstico como justificativa para a impossibilidade de seguir pelo ideal do comportamento.

Dessa maneira, “se reconhecer como portador de uma patologia é indissociável do ato de se reconhecer em uma identidade social com clara força performativa” (Dunker; Safatle; Silva, 2018, p. 9). Assim, o ideal performativo do tempo espetacular, proposto por Debord e exposto no início do artigo, desagua na questão diagnóstica, que fala pelo sujeito e vem como nome próprio. É devido a tal aspecto, somado à autoridade proposta por uma lógica potencialmente científica da psiquiatria e da psicologia, que a nomenclatura e a classificação diagnóstica se solidificam em uma classe de consumidores (Baroni; Caponi; Vargas, 2010).

Como consequência, encontrar o diagnóstico como justificativa para uma impossibilidade é também partilhar de uma tolerância social em relação ao sujeito (Helsing, 2020). A performance que permite ao sujeito partilhar de um conjunto de sintomatologias e diagnósticos o abre para a possibilidade de reconhecimento. Assim, o diagnóstico pode ser digerido não apenas como o mal-estar em um real do sofrimento psíquico. Sendo possibilidade de reconhecimento, não precisa mais ser visto como algo a ser “curado”, mas, sim, como uma “doença neuropatológica que precisa ser reconhecida por todos” (Helsing, 2020, p. 135).

Dessa forma, pensar no campo da psicopatologia, hoje, implica pensar em formas de participação social que compreendam identidade e reconhecimento, e não apenas uma reflexão sobre um organismo saudável ou doente (Dunker; Safatle; Silva, 2018). Tal consideração parece criar um outro ponto de reflexão para o clássico paradigma do normal e do patológico. Para além dos limites sobre saúde e doença, é inserido o questionamento sobre os processos identificatórios que partem de um molde de sociedade e de sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o texto de Debord, percebeu-se um movimento civilizatório de supremacia da imagem. Nesse mecanismo, o olhar e o ser olhado se entrelaçam de tal forma, no sujeito, que

o seu próprio mundo não espetacular, à parte daquele, aparece em detrimento de um mundo onde a aparência é a realidade. Assim, o mundo da imagem não visa a ser um mundo no qual se pode desligar e seguir em paralelo, mas, sim, um mundo que substitui o dito “natural”.

Consoante a isso, os consumidores de conteúdo midiático, hoje, passaram de meros espectadores para produtores de conteúdo, fazendo com que não só a agenda midiática seja objeto e produtora de identificações, mas também os sujeitos ativos nela. Tal aspecto da pós-modernidade cria um problema para aquele a quem a privacidade é necessária, visto que, a partir disso, tudo está apto a ser compartilhado e expresso em um mundo digitalizado.

Em decorrência disso, foi possível perceber uma gestão do psiquismo dos sujeitos, compreendida a partir do movimento político e econômico que, entrelaçado ao neoliberalismo, denota um afastamento do Estado em relação a aspectos essenciais, tais como os trabalhistas. Em uma sociedade com a ausência cada vez maior de normas e regulações em relação aos ofícios, o sujeito se vê impelido a gerir seu próprio comportamento e a si mesmo como se fosse uma empresa. Assim, os princípios empresariais, como gestão de riscos e análise da produtividade, passam a ser características do sujeito moderno, tanto no campo do trabalho como no campo da saúde mental.

Isso pode ser verificado no campo da psicopatologia e expresso através dos manuais diagnósticos. Cada vez mais, termos como “déficit” e “eficiência” são empregados nessa área, conferindo sentidos nos quais o sofrimento psíquico compreende, de forma individual, algo do que se perde e do que se ganha na compreensão dos eventos da realidade. Assim, detectando o déficit e percebendo que poderia mais, o sujeito é lançado em uma empreitada na qual é preciso consumir, sejam diagnósticos ou medicamentos, para se adequar à produtividade colocada como ideal pela sociedade de desempenho.

Dessa forma, tanto a psicologia quanto a psiquiatria podem ser vistas como dispositivos de manutenção ideológica e econômica da atualidade, tornando-se aliadas da lógica neoliberalista de gestão do sofrimento, em um momento no qual se percebe a cientificação dos hábitos e a patologização da vida como um todo. Para além disso, sustentam uma lógica medicalizante e uma indústria que parece ser ativa em um processo de formação sintomática e diagnóstica da atualidade.

Diante de uma exposição cada vez maior de processos diagnósticos e de técnicas em saúde mental, na internet, diante da digitalização progressiva dos profissionais da saúde, o sujeito pode encontrar mais um aspecto da indústria para identificação. Assim, é através dos

diagnósticos que o sujeito pode encontrar um modo de subjetivação, criando mais um ponto de discussão em torno da questão do normal e do patológico. Dessa forma, falar em diagnóstica, hoje, compreende a discussão de uma reação performática em relação à sociedade e, não mais, somente sobre um organismo saudável ou doente.

REFERÊNCIAS

ALVES, Wedency; CARROZZA, Guilherme. **Os sentidos da corporeidade: a inscrição simbólica do corpo em discursos contemporâneos**. Curitiba: Appris, 2019

BARONI, Daiana; VARGAS, Rômulo; CAPONI, Sandra. **Diagnóstico como nome próprio**. *Psicologia & Sociedade*. São Paulo, 22 (1), 70-77, 2010.

CALAZANS, Roberto; MATOZINHO, Christiane. **Pandemia e neoliberalismo: a melancolia contra o novo normal**. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

CRARY, Jonathan. **24/7 Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Ubu, 2016.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUNKER, Christian. **Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano**. São Paulo: Ubu, 2018.

DUNKER, Christian; SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson (ORG). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

DUNKER, Christian; SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson (ORG). **Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

FREUD, Sigmund. A perda da realidade na Neurose e na Psicose. In: FREUD, S. **O Eu e o Id, "Autobiografia" e Outros textos (1923-1925) – Obras Completas vol 16**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

HELSINGER, Natasha. **O que é o comprimido hoje?**. Curitiba: Appris, 2020.

LACAN, Jacques. (2002). **Psicanálise e medicina**. *Opção Lacaniana*. São Paulo, 32(1), 8-15.

PRUDENTE, Regina; VITORINO, Lucas. **A psicanálise nos dispositivos de saúde mental: um tratamento possível com as psicoses**. *Analytica revista de psicanálise*. São João Del Rei, 21(11), 1-17, 2023.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Lucas Ribeiro Vaz Vitorino: Conceituação metodologia, escrita do rascunho original, escrita do texto revisado e editado, administração do projeto e aquisição de financiamento.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

O autor declara não haver conflito de interesses.

MINIBIOGRAFIA DO AUTOR DO PAPER

É graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Academia de Juiz de Fora e pós-graduado em Teoria Psicanalítica pela mesma instituição. Atualmente mestrando em Comunicação na área de Análise de Discurso na Universidade Federal de Juiz de Fora.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.